

Sombrinha revisita 50 anos de sucessos no Vivo Rio

PÁGINA 5



#cm
2

SEGUNDA-FEIRA



Trajetória de Ney Matogrosso inspira livro para público infantil

PÁGINA 7



Mariana Vianna/Divulgação

Joga holofote na GENI

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Pleno de trabalhos como ator, aos 87 anos, num retorno às raízes de uma carreira responsável por uma revolução no modo de se pensar a televisão e o conceito de cinema popular no país, Daniel Filho acaba de dirigir um longa-metragem novo, revivendo um Nelson Rodrigues (1912-1980) que rendeu às telas um fenômeno... de bilheteria, crítica e consagração interna-

‘Toda Nudez Será Castigada’, marco teatral de Nelson Rodrigues, filmado por Arnaldo Jabor nos anos 1970, ganha nova versão cinematográfica, em P&B, das mãos do mestre Daniel Filho

cional. Dono de um Urso de Prata, dado pelo júri da Berlinale em 1973, mesmo ano em que venceu o Kikito de Melhor Filme no Festival de Gramado, “Toda Nudez Será Castigada” levou 1.737.151 pagantes às salas de exibição. O cult dirigido por Arnaldo Jabor (1940-2022) teve tamanho êxito que sempre se pensa nele – e no desempenho de sua estrela, Darlene Glória, no papel da garota de programa Geni – quando a peça teatral de Nelson, que o inspirou, vem à tona. **Continua nas páginas seguintes**

ENTREVISTA / DANIEL FILHO, ATOR E DIRETOR

‘Nelson Rodrigues, como todos os grandes autores, permanece’

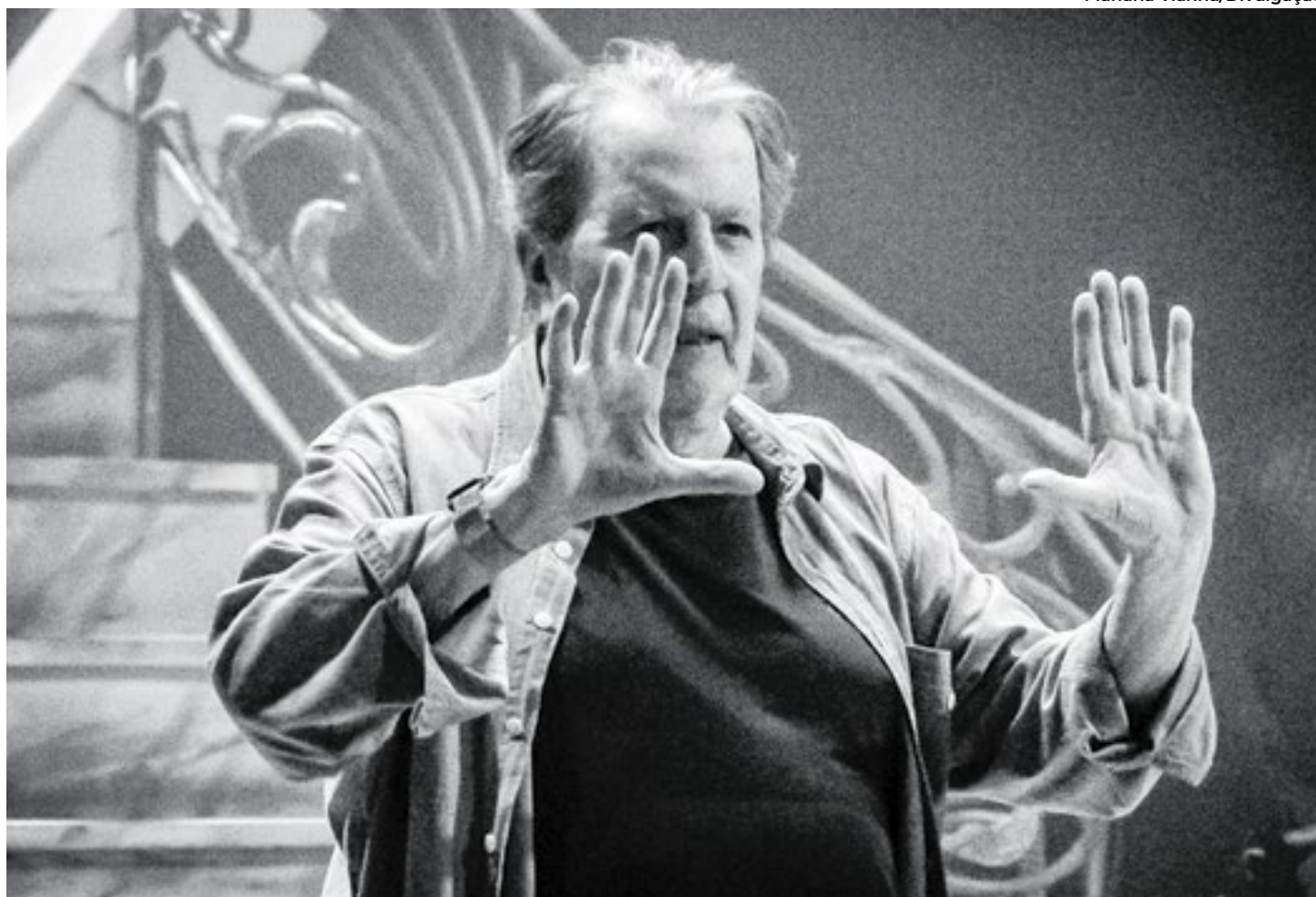
Mariana Vianna/Divulgação

A estreia desta obra-prima de Nelson Rodrigues nos palcos ocorreu em 1965, com Cleyde Yáconis (1923-2013)

como Geni, prostituta que mexe com os brios de Herculano, um viúvo moralista, pai do introspectivo Serginho e irmão de um bon-vivant, Patrício. É essa raposa, cheia de dívidas, quem aproxima seu mano mais velho de Geni, detonando uma paixão que causa tétano sentimental por onde passa, devassando a hipocrisia da sagrada família brasileira – aqueles Minions que elegem falsos messias.

Para reviver essa trama, Daniel fez um filme P&B, à moda dos clássicos noir, fotografado por um Felipe Reinheimer no auge de seu trabalho com a luz, em sintonia com a direção de arte de Yurika Yamasaki. Confiou Geni à premiada Hermilla Guedes (destaque do esperado “O Agente Secreto”) e chamou (ou foi chamado por, como explica na entrevista a seguir) Otávio Müller para viver Herculano. Seu ator assinatura, Guilherme Fontes, faz Patrício, no que promete ser uma cálida atuação, assim como a de Caio Manhente, intérprete de Serginho. Já o emblemático trio chamado As Tias é encarnado por Solange Couto, Cininha de Paula e Carla Daniel (filha do cineasta).

“Daniel Filho é uma escola viva e esse seu ‘Toda Nudez...’ transcende o que a gente espera de um bom Nelson, tornando-o mais forte”, diz Claudia Bejarano, produtora associada do longa, que foi filmado no Polo Rio Cine e Vídeo, em Jacarepaguá.



A convite do realizador responsável por êxitos como “A Dona da História” (2004) e “Se Eu Fosse Você” (2005), o Correio da Manhã visitou as filmagens, numa sequência nas raías do trágico. “O uso de sombra que a gente pensou para a fotografia, a partir da ideia do Daniel, transforma o cenário da casa de Herculano como se ela fosse uma visita a um inconsciente fraturado, como se fosse o cérebro da Geni se apagando aos poucos”, disse

Reinheimer. “Daniel buscou o que existe de feminino no Nelson e imprimiu essa força em cena”.

Folheando registros oficiais da Agência Nacional do Cinema (Ancine) e do portal Filme B acerca dos longas-metragens brasileiros que passaram da marca de 1 milhão de ingressos vendidos, o nome Daniel Filho aparece oito vezes (!) na lista. Ele assina a direção de arrasa-quarteirões rodados entre os

anos 1970 e os anos 2010. Até Nordestern com Didi Mocó ele dirigiu: “O Cangaceiro Trapalhão”, de 1983. Passadas cinco décadas cravadas de um desses êxitos dele (“O Casal”, visto por 1 milhão e 300 mil pagantes em 1975), o cineasta que virou o século com status de Midas, por fabricar um blockbuster atrás do outro, analisa a experiência de filmar “Toda Nudez Será Castigada” neste papo com o Correio.

Mariana Vianna/Divulgação



Geni (Hermilla Guedes) passa pela lábia de Patrício (Guilherme Fontes): a atriz pernambucana foi escolhida para o papel por indicação de Otávio Muller

Mariana Vianna/Divulgação



O diretor Daniel Filho com o elenco de 'Toda Nudez Será Castigada'

Sua volta à realização acontece num momento de múltiplas conquistas para o nosso cinema no exterior, pós-Oscar, pós-prêmios em Cannes e Berlim, em que se discute regulamentação do streaming. Como você avalia esse cenário?

Daniel Filho - Optei por fazer uma nova versão de uma peça teatral num momento em que os nossos cineastas mais velhos ou estão partindo ou estão combalidos, enquanto os mais novos, mesmo talentosos, são pegos por dificuldades diversas. Nosso cinema sempre viveu em ondas, como o mar. Quando estávamos indo bem, veio o linchamento imposto pelo governo anterior. Aí, no governo Lula, voltamos a formar uma frente boa, lutando para colocar pessoas nas salas de cinema para nos ver. Mas estamos desamparados, em parte porque o nosso Ministério da Cultura parece não saber como a atividade cinematográfica funciona. É difícil aparecer todo dia um filme bom como "Malu" (de Pedro Freire).

Os streamings estão produzindo, mas, com raras exceções, o que fazem não é bom. Isso acontece porque, na mentalidade atual dos streamings, os artistas não conseguem acesso para falar com quem produz, quem decide. Falamos com intermediários. Cheguei a ter um projeto aprovado num streaming, mas tive que passar por reuniões estranhas, com pedidos que eu custava a entender. Pensei então em refazer um longa de que gosto muito e que filmei há 50 anos, "O Casal", com o (José) Wilker e a Sonia Braga. Em meio a dificuldades para levantar as ideias, resolvi fazer um Nelson, para filmar do meu jeito.

Que simbolismo circunda "Toda Nudez Será Castigada", sobretudo em relação ao filme dos anos 1970?

"Toda Nudez..." não é um texto naturalista, é over, é ópera. Há uma frase da Geni assim: "Herculano, aqui quem te escreve é uma morta". Isso é uma ária. É Verdi, é Bizet.

A partir desse conceito, eu boleei todo o visual da minha versão. Tem uma protagonista que transa com um pai e com o filho dele. Tem um Iago - o irmão de Herculano, Patrício -, feito pelo Guilherme Fontes. Li muito sobre o Iago do Shakespeare (da peça "Othelo") para criar essa figura, numa releitura para a qual revi muito filme noir. Mas não foi qualquer noir, não. Foi Orson Welles e o Bergman de "A Hora do Lobo".

Qual é o desafio de lidar com o texto de Nelson Rodrigues e seus arquétipos num momento de forte patrulha em relação a representações, ao uso de palavras canceladas?

Nelson Rodrigues, como todos os grandes autores, permanece. Ele pode ser lido e relido porque suas tramas são profundas e seus personagens são fortes. "Toda Nudez..." fala de prostituição, fala de religião, fala de fidelidade. Se você pega um filme seminal como "Doze Homens e Uma Sentença", de Sidney Lumet, feito no fim dos anos 1950, verá que ele ganhou adaptações em outros países que não os Estados Unidos, refeito em línguas que não são o inglês. É o universo de emoções por trás das deliberações de um júri que o torna atemporal e universal. Nelson é assim. É vivo. Se eu mexi em coisas ao filmar "Toda Nudez..."? Bom, eu abri espaço para as tias. Eu pensei o lado meio Iago do Patrício. Eu analisei a questão homossexual que existe no filho de Herculano, o Serginho, com mais atenção e complexidade.

Qual é a experiência de voltar ao set, na direção, neste momento em que tem emplacado uma série de trabalhos como ator?

Set é o lugar em que eu mais gosto de estar na vida e eu não me aposentei. Acham que eu estou morto, mas estou vivo e apto. Vou fazer 88 anos no fim do mês (dia 30) e fazer esse filme fez eu me sentir livre. Fiz tudo do jeito que eu quis, sem precisar discutir elenco com ninguém, filmando a peça, com todo o poder que ela tem. Adaptamos só aquilo que funcionava bem como teatro, mas não segurava como enquadramento de cinema, em closes. Não queria atores que aparecessem mais do que os personagens e encontrei um time incrível.

Como foi a composição do elenco?

Há uns quatro anos, fui a uma festa na casa do Caetano (Velooso) e o Otávio Müller estava lá. Ele já sabia que eu estava querendo filmar o "Toda Nudez...". Ao cruzar comigo, ele me segurou e disse: "Daniel, eu sou o Herculano!". Olhando para a figura dele e lembrando do grande ator que ele é, eu parei, pensei e disse: "Você tem razão". Ele tinha mesmo. Herculano não poderia ser um Fagundes fingindo ser deprimido. Precisava do ator que o Otávio é e eu devo a escalação da Hermila a ele. Foi uma sugestão dele, que fez uma série ("Segunda Chamada", da Globo) com ela e me falou da foça que Hermila tem em cena. Eu pedi que ela viesse do Recife para cá para uma leitura. Ela sentou na minha casa e leu algumas cenas. Logo que começou a ler, eu a interrompi, pedi desculpa por tê-la feito vir até o Rio e disse: "você está no filme". Preservei o sotaque dela, que mexeu nos diálogos para tirar o carioquês das falas da Geni. Quereria o sotaque de alguém que veio de fora, do Nordeste, tentar a vida aqui.

Que arquétipo existe na figura da Geni?

Está no texto do Nelson que ela quer ter um apartamentinho. Deu a entrada e tem que pagar por ele. Tem uma hora em que diz: "Outra suruba eu não faço". Ela não é uma "putanheira", nem é uma pessoa ingênua. Ela é uma profissional, mas é uma pessoa que ama. A confiança que a Hermila me passou mostra a força que a personagem alcançou.

Um de seus maiores sucessos, a franquia "Se Eu Fosse Você" (2005-2009), completa agora 20 anos e ganha uma parte três, com direção de Anita Barbosa. Como encara esse projeto?

Eu autorizei essa parte 3, fui visitar o set um dia e fiquei feliz de ver a Anita, que trabalhou comigo quando estava começando, no posto de diretora. Não há problema em retomarem o que eu já fiz. Estúdio me dá um prazer imenso.

Jim Jarmusch ruge em Veneza

Cineasta consagrado desde os anos 1980 como papa do cinema indie ganha o Leão de Ouro com seu 'Father Mother Sister Brother'



Divulgação

'Father, Mother, Sister, Brother' traz uma narrativa trifurcada e salpicada de risos e lágrimas

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Editado pelo montador brasileiro Affonso Gonçalves, o painel afetivo "Father Mother Sister Brother", do americano Jim Jarmusch, conquistou o Leão de Ouro de 2025 no encerramento do 82º Festival de Veneza. Um elenco monumental (Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps e Françoise Lebrun) eletrificam uma narrativa trifurcada, salpicada de risos e lágrimas pelo diretor de 72 anos, encarado desde a década de 1980 como um papa da independência.

Fez sua fama com cults como "Flores Partidas" (2005), "Daunbailó" (1986) e "Estranhos no Paraíso" (1984). Há três histórias em seu roteiro agraciado com o troféu veneziano e elas tratam das relações familiares. Cada um dos três capítulos se passa no presente e em um país diferente. "Pai" se passa no nordeste dos Estados Unidos; "Mãe" ocorre em Dublin, na Irlanda; e "Irmã Irmão" se descortina em Paris, na França. O filme é uma série de estudos de personagens: tranquilo, observacional e sem julgamentos. É uma comédia, mas entrelaçada com fios de melancolia.

"Filmo personagens que buscam afirmar um modo particular de levar a vida", disse

OS PREMIADOS

- ✱ Leão de Ouro: "Father Mother Sister Brother", de Jim Jarmusch
- ✱ Grande Prêmio do Júri: "The Voice of Hind Rajab", de Kaouther Ben Hania
- ✱ Prêmio do Júri: "Sotto Le Nuvole", de Gianfranco Rosi
- ✱ Prêmio de Direção: Benny Safdie, por "Coração de Lutador – The Smashing Machine"
- ✱ Copa Volpi de Melhor Atriz: Xin Zhilei, por "The Sun Rises on Us All"
- ✱ Copa Volpi de Melhor Ator: Toni Servillo, por "La Grazia"
- ✱ Prêmio Marcello Mastroianni de

Intérprete Revelação: Luna Wedler, por "Silent Friend"

- ✱ Melhor Roteiro: Valérie Donzelli e Gilles Marchand, por "À Pied D'Oeuvre"
- ✱ Prêmio da Crítica Fipresci: "Silent Friend", de Ildikó Enyedi
- ✱ Melhor Curta: "Without Kelly", de Lovisa Sirén
- ✱ Prêmio mostra Horizontes: "En El Camino", de David Pablos (México)
- ✱ Prêmio Luigi DeLaurentiis de Melhor Filme de Estreia: "Short Summer", de Nastia Korkia (Sérvia)

Jarmusch ao Correio da Manhã em meio à feitura do longa.

Prestes a rodar "Os Corretores", do diretor carioca Andrucha Waddington (seu companheiro há décadas), Fernanda Torres, a aclamada estrela de "Ainda Estou Aqui", integrou o júri veneziano deste ano ao lado da atriz chinesa Zhao Tao, da diretora italiana Maura Delpero e de mais três cineastas: o francês Stéphane Brizé, o romeno Cristian Mungiu e o iraniano Mohammad Rasoulof. Essa claque de artistas completou-se com a presença do realizador americano Alexander

dalha de prata nos Jogos Olímpicos, não à toa esse Leão é prateado. O foco geográfico de seu enredo é Gaza. Sua diretora volta no tempo até 29 de janeiro de 2024. Ali, voluntários da Cruz Vermelha recebem uma chamada de emergência: uma menina de seis anos está presa em um carro sob fogo cruzado, implorando por socorro. Seu calvário comoveu Veneza e saiu ovacionado.

Existe ainda um Prêmio do Júri (espécie de medalha de bronze), que foi para o documentário "Sotto Le Nuvole", de Gianfranco Rosi, diretor egresso da Eritreia. A narrativa faz um registro de populações que vivem cercadas por vulcões, sob o risco de erupções.

"O documentário seja um espaço de resistência", disse Gianfranco.

A estatueta de Melhor Direção foi confiada ao ator nova-iorquino Benny Safdie, que começou a dirigir em duo com seu irmão, Josh, e hoje roda longas solo. Ele foi coroado por sua destreza no comando de "Coração de Lutador – The Smashing Machine", com Dwayne Johnson no papel de um ás do MMA em reinvenção.

Veneza sintetiza sua grandiosidade numa figura leonina, mas os troféus dados a atrizes e atores não seguem o design de felino, assemelhando-se a taças e sendo chamados de Copa Volpi. As vitórias deste festival no setor de interpretação ficaram com a chinesa Xin Zhilei, que brilhou no drama romântico "The Sun Rises on Us All", e com o titã napolitano Toni Servillo. Ele arrebatou aplausos com sua atuação no papel de um presidente da República em crepúsculo afetivo em "La Grazia", produção dirigida por Paolo Sorrentino que abriu o evento.

"Não imaginava ser premiado por uma atriz que me encantou este ano, com um grande filme", disse Servillo, ao receber sua Copa das mãos de Fernanda, elogiando "Ainda Estou Aqui".

Existe ainda o troféu Marcello Mastroianni, atribuído a astros em início de carreira. A suíça de Zurique Luna Wedler foi o talento galardoado com esse prêmio por Payne & cia, à luz de seu desempenho em "Silent Friend".

Sem espaço na disputa pelo Leão, a América Latina lavou sua alma no Lido ao ganhar o Prêmio Orizzonti por rotas mexicanas, com o thriller queer "En El Camino", de David Pablos. Em sua trama, Veneno, um jovem rebelde e vagabundo, frequenta lanchonetes à beira da estrada, onde dorme com caminhoneiros. Precisando urgentemente de uma carona, ele conhece Muñeco, um motorista rude e reservado. À medida que viajam juntos e uma intimidade inesperada se desenvolve entre eles, sombras do passado de Veneno ressurtem, colocando a vida de ambos em risco.

Payne (de "Os Rejeitados" e "Nebraska"), que presidiu o coletivo. Em 2024, o maior sucesso de Fernanda na telona recebeu a laurea de Melhor Roteiro. Na festa do último sábado, essa categoria teve como vencedores a diretora Valérie Donzelli e o roteirista Gilles Marchand, por "À Pied D'Oeuvre", sobre um fotógrafo em fricção profissional.

Payne, Fernanda e etc. deram o Prêmio Especial do Júri a "The Voice of Hind Rajab", dirigido pela tunisiana Kaouther Ben Hania. No pódio de vencedoras/es, quem vence nessa seara equivale a atletas que ganham a me-

Meio século de **samba**

Fundador do Fundo de Quintal, Sombrinha reúne sucessos de sua vitoriosa carreira em show com direção artística de Diogo Nogueira

Por **Affonso Nunes**

Cinquenta anos depois de iniciar sua caminhada no mundo do samba, Sombrinha sobe ao palco do Vivo Rio nesta segunda-feira (8) para celebrar uma carreira que ajudou a redefinir o gênero nos anos 1980. O cantor, compositor e multi-instrumentista, um dos fundadores do lendário Fundo de Quintal, construiu um repertório de mais de 400 composições que se tornaram trilha sonora de gerações inteiras, interpretadas por vozes como Zeca Pagodinho, Alcione, Beth Carvalho e Jorge Aragão.

A apresentação, com direção artística de Diogo Nogueira, revisita os grandes sucessos do sambista paulista que escolheu o Rio de Janeiro como lar artístico. “Comemorar 50 anos de carreira é a alegria de poder viver e sobreviver da música. São muitos momentos especiais, mais de 400 músicas gravadas e inúmeras parcerias. E me emociona muito saber que tenho uma música eterna: ‘O Show Tem Que Continuar’”, declara Sombrinha, referindo-se a uma de suas composições

mais conhecidas.

Nascido no litoral paulista em meio ao universo do choro, Sombrinha migrou para o Rio onde não sonhava em ser artista profissional. O destino, porém, o conduziu ao convite para integrar o Fundo de Quintal, grupo que revolucionou o samba ao incorporar novos instrumentos como o banjo e o tantã, introduzindo sonoridades que ampliaram o vocabulário musical do samba, influenciando toda uma geração de músicos e consolidando o pagode como uma legítima vertente do gênero.

Sua primeira composição gravada foi “Marcas no Leito”, lançada por Alcione em 1981, marco inicial de uma produção que atravessaria décadas. A parceria com o saudoso Arlindo Cruz (1958-2025) rendeu alguns dos clássicos mais duradouros do samba contemporâneo, enquanto colaborações com artistas de outros gêneros, como Chico Buarque e Hamilton de Holanda, demonstraram a versatilidade de sua obra. No álbum “Matéria Prima”, essas experimentações ganharam forma definitiva, consolidando Sombrinha como compositor versátil.

O espetáculo desta noite contará com



Sombrinha é autor de cerca de 400 composições

participações especiais de Jorge Aragão, Sombra, Nina Wirtti, Bebê Kramer e Xande de Pilares, além do próprio Diogo Nogueira.

“É como se eu estivesse fazendo um show para o meu pai”, afirma Diogo, revelando a proximidade familiar que une os dois músicos. A relação entre as famílias remonta à infância do filho de João Nogueira: “Desde criança o Diogo frequentava a minha casa. Cheguei a compor para João Nogueira, mas não deu tempo dele gravar. A canção ‘A Felicidade Me Sorriu’, feita para João, foi gravada então por mim e pelo Diogo, em 2003”, relembra Sombrinha.

O repertório da noite incluirá tanto composições inéditas quanto clássicos consagrados como a já citada “O Show Tem Que Continuar”, “Não Quero Sa-

ber Mais Dela” e “Quem é de Sambar”, canções criadas em parceria com bambas do quilates de Luiz Carlos da Vila (1949-2008), Arlindo Cruz e Almir Guineto (1946-2017). A direção musical fica por conta de Rafael dos Anjos, com arranjos assinados por Rildo Hora, Jotinha, Raphael dos Anjos, Vinicius Magalhães, Neto Junior e Jota Moraes.

Os anos se passam, alguns parceiros se vão, mas Sombrinha e sua obra são testemunhas oculares da vitalidade do samba.

SERVIÇO SOMBRINHA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
8/9, às 21h | Ingressos a partir de R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Divulgação



Arlindo Cruz e Sombrinha, amigos desde o Fundo de Quintal: parceria frequente

Investigação poética acerca do desejo

‘Entardesex On The Beach’ adapta capítulo de ‘Ulisses’ em espetáculo sobre desejo e desencontro no Teatro Vannucci

Um entardecer à beira-mar, dois desconhecidos e um turbilhão de emoções. “Entardesex On The Beach”, novo espetáculo da Cia. Inconsciente em Cena, está em cartaz no Teatro Vannucci até o dia 30. Com direção de Antonio Quinet, a peça é livremente inspirada no capítulo 13 de “Ulisses”, obra-prima do escritor irlandês James Joyce, propondo uma experiência teatral provocadora que mergulha no inconsciente humano.

Em cena, Gerty Macdowell e Leopold Bloom revivem, em sessões de análise conduzidas pelo próprio Joyce, um encontro inesperado em uma praia da costa irlandesa no início do século 20. Entre relatos fragmentados e fantasias reveladas, o público é convidado a explorar as profundezas do desejo, da dor e da transformação. “O espetáculo traz à tona o encontro entre uma jovem mulher, desiludida e entristecida pela rejeição de seu namorado com o qual sonhava casar, e um homem de meia idade em luto de um casamento que está



Leandro Silva/Divulgação

Um encontro inesperado numa praia reúne o escritor irlandês James Joyce e dois personagens de seu mais célebre romance

desabando no dia em que sua esposa o está traindo com seu amante”, explica Quinet.

A encenação estabelece uma ponte ousada entre passado e presente, recrian-

do a atmosfera de uma beach party eletrônica contemporânea — efêmera, intensa e marcada por encontros que deixam rastros. A dramaturgia, escrita por Qui-

net a partir de sua participação na nova tradução brasileira de “Ulisses”, revela a atemporalidade dos dilemas amorosos e sexuais que ainda povoam os consultórios de psicanálise.

Segundo o diretor, Gerty, com uma “mágoa corrosiva”, e Leopold, obcecado pela traição da mulher que ama, vivem um encontro erótico voyeurista-exibicionista de tal intensidade que ambos sairão transformados. “Situamos esse encontro numa praia na costa da Irlanda no início do século 20 fazendo uma homologia com uma beach party eletrônica em pleno século 21, na qual as pessoas se encontram, ‘ficam’ e nunca mais se vêem”, relata o diretor, que também é psicanalista.

Mais do que uma história de sedução, a peça investiga poeticamente o desejo humano, a busca pela alma gêmea e os desencontros inevitáveis entre fantasia e realidade. “A peça fala sobre a não relação de complementaridade de uma pessoa com a outra. Por mais que se busque a alma gêmea, não adianta. As relações afetivas e sexuais são atravessadas pelo inconsciente com as fantasias, desejos, aspirações, traumas e frustrações que cada um leva para a relação”, conclui Quinet, ilustrando cenicamente o aforisma lacaniano de que “a relação sexual não existe”.

SERVIÇO

ENTARDESEX ON THE BEACH
Teatro Vannucci (Rua Marquês São Vicente 52 - Shopping da Gávea)
Até 30/9, às terças (20h30)
Ingressos a partir de R\$ 60



O menino Ney que o Brasil ama



Fotos/Divulgação



Infância pantaneira de Ney Matogrosso e sua ligação com a natureza guiam biografia do artista voltada para os leitores miúdos

Por Affonso Nunes

A trajetória de Ney Matogrosso, um dos artistas mais notáveis da MPB fica mais acessível às novíssimas gerações com o lançamento de “Ney Matogrosso: O Bicho do Mato”, livro infantil escrito por Chris Fuscaldo e Camilo Solano com ilustrações de Isabela Sultani que reconstrói a infância pantaneira do cantor, explorando como sua conexão com a natureza, que moldou seu senso estético, e acabou por moldar sua cativante personalidade artística única.



A ligação com a natureza marcou a infância de Ney Matogrosso e moldou sua personalidade artística

A obra integra o catálogo inaugural da Garotinha FM Books, selo editorial voltado ao público infanto-juvenil que aposta na biografia de grandes nomes da cultura brasileira como porta de entrada para des-

pertar o interesse das crianças pela música nacional.

A obra surge em momento de revisitação da obra e da persona de Ney Matogrosso. A cinebiografia “Homem com H”, diri-

gida por Esmir Filho, chegou aos cinemas em 2025, enquanto a exposição no MIS-SP celebra sua contribuição para a música e para a visibilidade LGBTQIAPN+ no país.

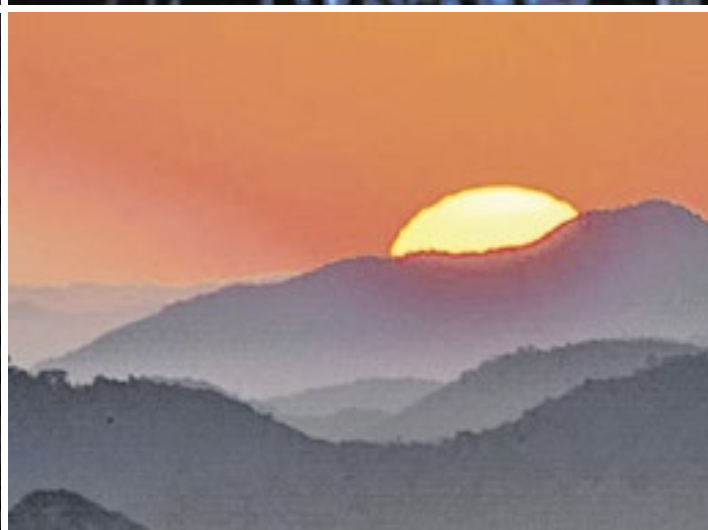
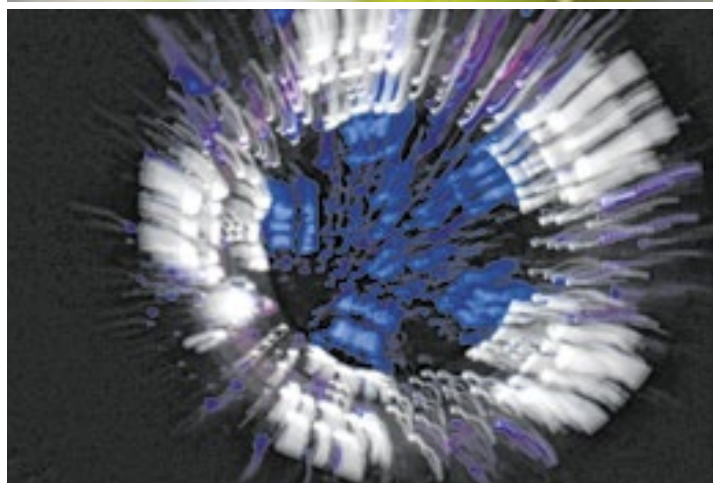
Esse contexto de redescoberta encontra na literatura infantil um território ainda pouco explorado para apresentar figuras icônicas da MPB às novas gerações. “Ney Matogrosso é bicho do mato desde pequeninho. Criado entre a natureza, seu jeito estranho foi o que o tornou um dos maiores artistas do país”, resume a sinopse, estabelecendo a conexão entre a origem rural e a construção de uma identidade artística que desafiou convenções.

E este seja talvez o maior desafio da obra, pois o lado transgressor de Ney Matogrosso sempre passou por sua coragem em assumir sua sexualidade em plena ditadura militar, desafiando o ultraconservadorismo da época. “Optamos por mostrar aos nossos ‘pequenos’ leitores que ser diferente também é legal. Afinal, foi por causa de um jeito diferente e uma voz diferente que o menino Ney se tornou o grande Ney Matogrosso, um dos maiores artistas da música brasileira”, explica Chris, que traz para o projeto sua experiência como biógrafo musical, tendo assinado obras sobre Legião Urbana, Mutantes, Belchior e Gilberto Gil.

As simpáticas ilustrações ficaram a cargo de Isabela Sultani, diretora criativa e artista visual que já colaborou com o próprio Ney Matogrosso, além de Zeca Baleiro e Roberto Menescal.

O projeto editorial da Garotinha FM Books, que também lançou “Eu na Minha Terra Distante” de Chris Fuscaldo e Taís Salles, sinaliza uma tendência de aproximação entre biografia musical e literatura infantil. Essa estratégia editorial reconhece a importância de apresentar referências culturais nacionais para crianças em formação, contribuindo para a construção de um repertório que valorize a diversidade e a riqueza da produção artística brasileira.

A borboleta amarela



E assim, do nada, eis que pousa em mim uma borboleta amarela. Seria àquela que, com seu bater de asas, criou um furacão na costa americana; será a presença da Oxum ou, até quem sabe, uma enviada de Rubem Braga. Não há a menor dúvida: as duas últimas são reais e de felicidade plena.

A fotografia é feita no detalhe, é a sutileza e singeleza das coisas e cores. É feita por meio da observação através das lentes magníficas, mágicas e caleidoscópicas, das minúscias, é feita de pôr(menores) e minúcias é aí, exatamente aí, que são encontradas todas as diferenças entre uma foto minimalista-contemplativa e outra repleta de elementos.

Rubem percebeu o travertino encardido da empena da ABI, os leões argolados que encimam palácios do quadrilátero fantasmagórico, os bancos pintados de azul destoantes daquelas em pedra dura, notou as tais cores de Almodóvar dijanirianas, eu, mais humildemente, tenho notado às 'folhas secas do Lúcio' e as estátuas de 'senhoras nuas', os líquens rebeldes que, apesar da grossa camada de fumaça que os envolvem, teimam em existir e dar sinais, bem mais precisos que os relógios propagandistas que brotam pelas ruas, poluentes visuais indefectíveis, do ar que respiramos ou, muito mais provavelmente nos afogamos.

Diferentemente do mestre, a borboletinha amarela permaneceu por bom tempo pousada no meu ombro, e outro tanto em minha mão. Não abandonou minha visão, não se escafedeu pelas entranhas viscerais dos sombrios prédios, embotados de concreto e tráfego, parados na contramão, nem atrapalhou o vai e vem magnetizado fritzlanguiano.

Teria ficado horas e mais horas observando-a, trocando olhares, tentando, como Rubem, descobrir de onde viera e para onde pretendia ir e para onde efetivamente foi.... Fiquei ali, magnetizado, imaginando novas imagens, novos 'detalhes tão pequenos de nós dois', céus celínicos e celestiais, onde somente o detalhe mais sutil da cratera da lua se faz protagonista e nos faz enxergar seu lado oculto. Ali assim hipnotizados pensando na foto que não fizera e aquela que ainda fará meu coração acelerar como uma plateia em êxtase, aplaudindo a natureza e Olorum.

É, borboletas amarelas são realmente dadas que podem transformar um simples caminhar em uma grande série de fotografias, que não se tornarão amareladas pelo tempo.